

TÍTULO DA SEÇÃO:

LINGUÍSTICA

LÍNGUA, ENUNCIÇÃO E PRODUÇÃO DE SENTIDO

Eduardo GUIMARÃES¹

(Universidade Estadual de Campinas)

RESUMO: O objetivo do texto é refletir sobre o funcionamento da produção de sentido pelo acontecimento da enunciação. Para isso foram utilizados exemplos do funcionamento da enumeração. As análises mostram como a produção de sentidos não se dá pela produção de unicidades, necessariamente, mas constitui simultaneidades, sobreposições, cruzamentos; mostram também que o acontecimento enunciativo, ao produzir sentido, divide o sensível, na base do funcionamento político do agenciamento da enunciação.

PALAVRAS-CHAVE: Enunciação; Acontecimento; Enumeração; Sentido; Simultaneidade.

LANGUAGE, ENUNCIATION AND SENSE PRODUCTION

ABSTRACT: The aim of this paper is to reflect on the functioning of sense production by the happening of enunciation. In order to do so, examples of the enumeration functioning were used. The analyses show how the production of senses does not necessarily happen by the production of unities, but constitute simultaneity, superposition and crossover phenomena; they also show that the enunciation happening, when producing sense, divides the sensible, on the basis of the political functioning of the enunciation process.

KEYWORDS: Enunciation; Happening; Enumeration; Sense; Simultaneity.

1 INTRODUÇÃO

Nosso objetivo aqui é refletir sobre a produção de sentido pela enunciação, considerada como o acontecimento do funcionamento da língua². Para isso vou me valer, como lugar de observação, de um funcionamento linguístico específico, a enumeração, que estudei de modo detalhado em Guimarães (2009).

Do nosso ponto de vista, o acontecimento da enunciação se caracteriza por estabelecer uma temporalidade: um passado, um presente, um futuro. Assim o acontecimento não é um evento ocorrido em algum ponto do tempo cronológico. O acontecimento se caracteriza por

¹ Doutor em Linguística pela Universidade de São Paulo. Docente da Universidade Estadual de Campinas. E-mail: eg@reitoria.unicamp.br.

² Sobre essa questão, ver Guimarães (2002, 2006).

produzir uma convivência de tempos: o presente da formulação; o passado (um rememorado, aquilo que é tomado como memorável); o futuro (uma projeção de sentidos, que também nomeio de futuridade, que se produz pelo acontecimento, e que estabelece uma direção para a interpretação dos sentidos)³. Desse modo, o Locutor não é também – diferentemente do que nos diz Benveniste (1966) – o parâmetro do tempo e do espaço no funcionamento da linguagem.

Para considerarmos o funcionamento enumerativo, retomamos Lausberg (1966), que caracteriza a enumeração como uma “acumulação coordenante em contato”, diferentemente da “acumulação a distância”. Desse modo, “os membros da enumeração são as partes coordenadas de um todo”. Ou seja, a acumulação enumerativa apresenta seus elementos coordenados e em contato.

É o que podemos encontrar na sequência do recorte (1), retirado de uma propaganda encontrada num site de um *Shopping Center*:

(1) O Kalmma Zen Spa está com novo espaço no Galleria Shopping [...] Aproveite para visitar a loja, que está ainda mais aconchegante, e conhecer os novos procedimentos (banhos, vinho terapia, Day Spa da Noiva, etc.).

Se consideramos nessa sequência o que está entre parênteses, encontramos “banhos, vinho terapia, Day Spa da Noiva, etc.”, que tem a característica de ser uma “acumulação coordenante em contato”, sendo, portanto, uma enumeração. No caso, se trata de uma coordenação assindética, ainda lembrando Lausberg.

Para nossos objetivos aqui, vamos considerar, no funcionamento da enumeração, três aspectos: a determinação do enumerado sobre os enumeradores, a não homogeneidade da enumeração, a disparidade entre as sistematicidades linguísticas e o sentido.

2 A DETERMINAÇÃO DO ENUMERADO SOBRE OS ENUMERADORES

Para apresentar esse aspecto, retomemos o recorte (1):

(1) O Kalmma Zen Spa está com novo espaço no Galleria Shopping [...] Aproveite para visitar a loja, que está ainda mais aconchegante, e conhecer os novos procedimentos (banhos, vinho terapia, Day Spa da Noiva, etc.).

³ Sobre a caracterização do acontecimento da enunciação, ver Guimarães (2002).

A primeira coisa a observar é que, nessa sequência, a enumeração encontrada entre parênteses enumera “procedimentos”. Ou seja, temos aí algo que pode ser parafraseado por

(1a) a KZSpa tem procedimentos como: banhos, vinho terapia, Day Spa da Noiva, etc.

Em outras palavras, “banhos, vinho terapia, Day SPA da Noiva, etc.” são palavras e expressões que aparecem apresentando cada um dos procedimentos do Spa. Esses elementos, como já caracterizamos acima, vêm coordenados assindeticamente uns aos outros. E todos estão apresentando, cada um por sua vez, um dos elementos que compõem o “todo” dos procedimentos. Nesse caso, a enumeração é uma reescrituração de procedimentos. Tem-se aqui o que chamamos uma reescrituração por expansão enumerativa⁴.

Pode-se ver como o termo enumerado “procedimentos” atribui sentido aos enumeradores. Digo que se trata de uma relação de determinação, no sentido que dou a esse termo (GUIMARÃES, 2007). Os enumeradores como “banhos”, “vinho terapia” etc. se apresentam como procedimentos. O enumerado (“procedimentos”) atribui sentido aos enumeradores. Pode-se sustentar tal afirmação pela observação do fragmento abaixo, que parafraseia aspectos de (1):

(1’) banhos, vinho terapia, Day Spa da Noiva, etc. são procedimentos do KZSpa.

Em outros termos, estou dizendo que, em (1), “procedimentos” determina o sentido de “banhos”, “vinho terapia’ [...]”⁵.

Do ponto de vista do que me interessa aqui, o que há a ressaltar é que, se há, entre os termos enumeradores e o termo enumerado, uma relação em que os enumeradores especificam o enumerado, há aí algo de mais relevante: o enumerado determina o sentido dos enumeradores. “Day SPA da Noiva”, por exemplo, é um “procedimento” do Spa exatamente por enumerar aspectos do termo “procedimentos”. Isso mostra que, como já disse em outras ocasiões, a hiperonímia é uma relação de sentido construída pela enunciação. Poderíamos também dizer, em certa medida lembrando Rancière (1992), que a enunciação produz uma divisão do sensível: as palavras não classificam as coisas, identificam-nas, dão-lhes sentido.

⁴ Quanto ao conceito de reescrituração, ver Guimarães (2007, 2009). Quanto à questão da enumeração, ver Guimarães (2009).

⁵ Estou deixando de lado, neste ponto, um aspecto importante: cada um dos elementos da enumeração recorta memoráveis (GUIMARÃES, 2002) diferentes.

3 A NÃO HOMOGENEIDADE DA ENUMERAÇÃO

Ainda observando a sequência do recorte (1) acima, podemos notar que a relação de reescritura enumerativa no caso inclui um “etc.”. O que significa, e isso todos sabemos, que não se trata de uma especificação exaustiva do enumerado. Se isso reforça o sentido da constituição da hiperonímia pela enunciação, indica também que a enumeração pode integrar elementos não homogêneos. E isso é tanto mais significativo se observamos que, tal como referi há pouco em nota, cada termo da enumeração tem memoráveis diferentes. Ao mesmo tempo, a enumeração funciona como apresentação de aspectos de um todo e como mobilização de passados diversos que significam no acontecimento.

Para dar andamento a esse aspecto, vamos utilizar uma interessante sequência retirada de *Quincas Borba*, de Machado de Assis⁶.

(2) E imaginando o colóquio, antevia o espanto do homem, depois o agastamento, depois os impropérios, as palavras duras que ele havia de dizer à mulher, miserável, indigna, vil... Todos esses nomes soavam bem aos ouvidos do seu desejo; ela fazia derivar por eles a própria cólera; fartava-se de a rebaixar assim, de a por debaixo dos pés do marido, já que o não podia fazer por si mesma... Vil, indigna, miserável... (M. de Assis, *Quincas Borba*, cap. XLIII).

Quanto à enumeração, o que podemos aí encontrar? Consideremos três enumerações presentes na sequência:

(2a) O espanto do homem, depois o agastamento, depois os impropérios, as palavras duras que ele havia de dizer à mulher.

(2b) Miserável, indigna, vil...

(2c) Vil, indigna, miserável...

Começemos pela primeira dessas enumerações. A primeira coisa a notar é que, na enumeração considerada em (2a), representa-se a exaustividade da enumeração (todos os aspectos estão aí ditos) e, ao mesmo tempo, sua homogeneidade. Estaríamos diante de uma enumeração completa de todas as “reações” da personagem. Ou seja, estaríamos diante de uma descrição completa de fatos a serem narrados. No entanto, encontramos em (2a) uma

⁶ Vamos aqui tomar essa sequência na medida em que ela participa de um recorte decisivo. Ou seja, esse recorte apresenta uma sequência que coloca em relevo aspectos fundamentais do funcionamento que se pretende estudar. Desse modo, essa sequência nos permitirá dar visibilidade a vários aspectos do funcionamento da enumeração importantes para discutir o funcionamento da enunciação e como ela constitui sentidos.

marcação da enunciação do Locutor através de uma mudança no modo de apresentar os elementos enumerados. O segundo e o terceiro elementos são introduzidos por “depois”, introdução que desaparece no quarto elemento da enumeração. E, nessa medida, observamos que a enumeração apresenta uma heterogeneidade que o próprio modo da enunciação representa. Pelo que está em (2), pode-se ver que algo de seu sentido poderia ser parafraseado por

(2a') [antevia] o espanto do homem, depois o agastamento, depois os impropérios, (as palavras duras que ele havia de dizer à mulher).

Ao mesmo tempo, causa dificuldade a paráfrase

(2a'') [antevia] o espanto do homem, depois o agastamento, depois os impropérios, depois as palavras duras que ele havia de dizer à mulher.

Isso indica que a enumeração não funciona homogeneamente. Em (2a), o que se tem é uma enumeração de quatro elementos, uma enumeração de três elementos em que o terceiro é constituído por dois elementos de outra enumeração, ou, ainda, de três elementos, sendo que o terceiro é reescrito por aquilo que o segue (“os impropérios” é reescrito por “as palavras duras que ele havia de dizer à mulher”)?

Podemos, então, considerar que em (2) “as palavras duras que ele havia de dizer à mulher” pode ser interpretado como um elemento da enumeração, mas também como um elemento que reescreve sinonimicamente, por substituição, “os impropérios”.

Assim, não se pode considerar que a enumeração é uma maneira de dizer que apresenta, de modo exaustivo, todos os aspectos próprios de algo que um termo totalizador indicaria. Essa heterogeneidade significa o próprio processo de enunciação do Locutor. A totalidade é significada por uma operação do Locutor que simplesmente apresenta uma sinonímia como último termo da enumeração.

Esse aspecto explicita a necessidade de avançarmos na descrição e análise no sentido de melhor compreender como essa enumeração significa. É o que veremos a seguir.

4 A DISPARIDADE ENTRE AS SISTEMATICIDADES LINGUÍSTICAS E O SENTIDO

O que colocamos antes nos permite avançar em direção a um aspecto interessante. Retomemos a sequência de Machado de Assis, em *Quincas Borba*:

(2) E imaginando o colóquio, antevia o espanto do homem, depois o agastamento, depois os impropérios, as palavras duras que ele havia de dizer à mulher, miserável, indigna, vil... Todos esses nomes soavam bem aos ouvidos do seu desejo; ela fazia derivar por eles a própria cólera; fartava-se de a rebaixar assim, de a por debaixo dos pés do marido, já que o não podia fazer por si mesma... Vil, indigna, miserável...

Como dissemos acima, consideramos em (2) três enumerações:

(2a) O espanto do homem, depois o agastamento, depois os impropérios, as palavras duras que ele havia de dizer à mulher.

(2b) Miserável, indigna, vil...

(2c) Vil, indigna, miserável...

Começamos por (2a), trazendo o que já descrevemos há pouco. Trata-se de uma enumeração com quatro elementos. O segundo e o terceiro introduzidos por depois, o que faz dessa enumeração uma narrativa. No entanto, como indicamos, falta o depois no início do quarto elemento. Assim, podemos aí encontrar uma ambiguidade, um deslocamento importante: o quarto elemento pode tanto ser um elemento da enumeração quanto uma reescrituração (até certo ponto litótica) de “os impropérios”, terceiro elemento da enumeração, o que é sustentado pela possibilidade ou não das paráfrases (2a’) e (2a’”).

Como, do ponto de vista da Semântica da Enunciação, tomada como o acontecimento do funcionamento da língua, interpreta-se esse funcionamento? Consideremos que o último elemento só pode aparecer na enumeração se entendermos que ele é dito por uma voz diferente daquela que diz os três primeiros. Assim, podemos dizer que há, nessa enumeração, dois enunciadores:

E-1 – [antevia] o espanto do homem, depois o agastamento, depois os impropérios.

L – l-x

E-2 – [antevia] as palavras duras que ele havia de dizer à mulher.

Esse deslocamento de voz dá conta da ambiguidade acima indicada. E-2 pode, por um procedimento, acrescentar um elemento na enumeração, por outro, pode estar parafraseando algo dito do lugar de E-1. É possível assim explicar a interpretação tanto de uma enumeração quanto de uma reescrituração do terceiro elemento pelo quarto. Isso mais uma vez mostra a não exaustividade, a não homogeneidade da enumeração, e permite avançar na caracterização geral do funcionamento semântico da enunciação. Isso nos dá, inclusive, o modo de considerar a sobreposição das vozes do narrador e da personagem em toda a sequência (2).

Consideremos agora (2b). Claramente (2b) reescreve “palavras duras”. Podemos ter (2a) e (2b) parafraseados por

(2ab) O espanto do homem, depois o afastamento, depois os impropérios, as palavras duras (miserável, indigna, vil) que ele havia de dizer à mulher.

Isso nos leva a considerar que “palavras duras” determina o sentido de cada uma das palavras “miserável, indigna, vil”. Tanto que podemos observar a possibilidade da seguinte paráfrase:

(2b1) Miserável, indigna, vil são palavras duras.

Mas (2b) reescreve também “mulher”, trata-se de uma reescrituração por especificação. Ou seja, a enumeração nesse caso não enumera elementos apresentados como “tipos” de “mulher”. Esse modo de considerar leva em conta a posição contígua de posposição de (2b) e “mulher”, e, ao mesmo tempo, a vírgula que separa “miserável” de “mulher”. A enumeração funciona como uma reescrituração especificadora de um termo (diferentemente da reescrituração de “palavras duras”). Como acabamos de dizer, tem-se, no caso, uma enumeração que reescreve por especificação “mulher”. Ou seja, aqui “mulher” não determina “miserável, indigna, vil”, mas o inverso. E há que se levar em conta que “a mulher” reescreve, no romance, o nome da personagem “Sofia”. Nessa medida, “miserável, indigna, vil” determinam, na voz de uma personagem, o sentido do nome próprio “Sofia” (de outra personagem). Essa reescrituração faz parte da constituição da designação⁷ desse nome próprio.

⁷No sentido que dou a este termo (Guimarães, 2002).

E isso na medida em que (2b) pode ser considerado como uma caracterização da mulher pela personagem de que fala o narrador. É nessa medida que a melhor paráfrase, no caso, não é

(2b1') havia de dizer palavras duras à mulher miserável, à mulher indigna ...

Mas

(2b1'') havia de dizer palavras duras à mulher, que é miserável, indigna, vil.

E isso já indica que esse funcionamento envolve outros aspectos. Para melhor caracterizá-los, observemos que “miserável, indigna, vil” articulam-se como uma enumeração de aspectos que são atribuídos por uma articulação predicativa a “mulher”. Tomemos mais especificamente a sequência

(2d) As palavras duras que ela havia de dizer à mulher, miserável, indigna, vil.

Ela pode ser parafraseada por

(2d1) Ele havia de dizer palavras duras à mulher.

(2d2) as palavras duras são “miserável, indigna, vil”.

Assim como por

(2d3) Ele havia de dizer palavras duras à mulher.

(2d4) A mulher [Sofia] é miserável, indigna e vil.

A possibilidade de interpretar essa convivência de sentidos pode ser apresentada pela seguinte representação (considerados também dois enunciadores⁸):

E-1 – Miserável, indigna, vil são palavras duras.

L – l-x –

E-2 – Esta mulher [Sofia] é miserável, indigna, vil...

⁸ As figuras da enunciação estão consideradas em Ducrot (1984, 1988 e 1989) e Guimarães (1987, 2002).

Aqui podemos considerar que E-1 é assumido pelo Locutor e E-2 é um enunciador individual assumido pelo locutor-personagem. E esse aspecto toma toda sua força ao considerarmos a enumeração (2c). Ela, ao ser a inversão completa de (2b), e estando separada por reticências (... a, b, c ...), é claramente a voz da personagem. E isso tudo faz sentido sobre o que se considerou acima a propósito também da sobreposição de vozes de (2a).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos pelos exemplos apresentados: a) na reescrituração enumerativa, o enumerado determina os enumeradores, constituindo assim uma relação de hiperonímia; b) um elemento pode tanto ser um termo da enumeração quanto a reescrituração de um elemento da enumeração; c) pode também ser uma reescrituração enumerativa que se sobrepõe a uma articulação predicativa. Ou seja, estamos diante da simultaneidade de funcionamentos de articulação e reescrituração. Há também o caso de expressões que podem ser a reescrituração de um termo e também de outro; palavras que podem ser do narrador e de uma personagem. Em outras palavras, estamos diante de sobreposições, de cruzamentos fundamentais na produção de sentidos. E isso também aparece pelo modo como a reescrituração por expansão enumerativa constitui relações de hiperonímia ao dividir o sensível.

Esse aspecto está claramente de acordo com a consideração de que o acontecimento enunciativo agencia os falantes, fazendo a língua significar ao funcionar: as sistematicidades da língua significam não por si, mas pela enunciação, e não há correlação direta entre elas e os sentidos produzidos pelo acontecimento. E isso vai paralelamente ao fato de que as formas significam uma e outra coisa. É próprio do funcionamento semântico significar concomitantemente mais de uma coisa. E, nessas simultaneidades, não se trata de uma articulação que é uma reescrituração. Trata-se de uma coexistência de ambas. Na produção de sentidos, não se está na contingência de se passar da ambiguidade “X ou Y” para “dada esta situação presente, X”. Ao contrário disso, encontramos regularmente: “interprete X e Y”. Considerando esses desdobramentos, não temos nenhum problema em dizer que há, numa sequência, os elementos de uma enumeração e, simultaneamente, a reescrituração de um elemento por outro. Não se trata de uma relação direta entre uma forma e o sentido. Trata-se de uma relação estabelecida pelo acontecimento.

O acontecimento enunciativo, num espaço de enunciação, agencia o falante que se divide em Locutor, lugar social do dizer (locutor-x) e enunciador⁹. Assim, a presença do Locutor na enunciação não é a marca de uma escolha relativa a uma intenção. O Locutor é também ele constituído pelo funcionamento da língua e pela temporalidade do acontecimento.

Tais simultaneidades, cruzamentos, sobreposições têm a ver com o fato de que os enunciados funcionam enquanto integram texto. Assim, a representação dos lugares da enunciação se movimenta entre a produção do sentido de unidade do texto e as simultaneidades da polissemia.

Concluindo, ressaltamos que a produção de simultaneidades de funcionamentos e de sentidos está diretamente ligada ao fato de que a linguagem significa não por suas formas, mas em virtude de uma relação delas com uma exterioridade que as faz funcionar. E essa exterioridade é constituída por uma temporalidade do acontecimento que constitui não só o tempo do dizer, que não é assim o tempo do Locutor, mas constitui também o próprio sentido que divide o sensível e o faz significar.

6 REFERÊNCIAS

BENVENISTE, E. (1966). *Problemas de linguística Geral I*. Campinas, Pontes, 1988.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mille Plateaux*. Paris: Minuit, 1980.

DUCROT, O. (1989). Argumentação e ‘Topoi’ Argumentativos. In: GUIMARÃES, E. (Org.). *História e Sentido na Linguagem*. 2. ed. Campinas: Editora RG, 2008.

_____. (1984). *O Dizer e o Dito*. Campinas: Pontes, 1988.

_____. *Polifonia y Argumentacion*. Cali: Universidad del Valle, 1988.

_____. (1972). *Princípios de Semântica Linguística*. São Paulo: Cultrix, 1977.

GUIMARÃES, E. A Enumeração. Funcionamento Enunciativo e Sentido. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 1, n. 51, p.49-68, 2009.

_____. Domínio Semântico de Determinação. In: _____; MOLICA, M. C. (Orgs.). *A Palavra: Forma e Sentido*. Campinas: RG/ Pontes, 2007.

⁹ Para mim, a enunciação agencia politicamente os falantes. Trago de Deleuze e Guattari (1980) a noção de agenciamento, que eles sustentam em uma descrição da performatividade feita por Ducrot (1972), e dou a ela a caracterização política, considerando que, para mim, a língua funciona em espaços de enunciação (GUIMARÃES, 2002).

_____. Semântica e Pragmática. In: _____; ZOPPI-FONTANA, M. (Orgs.). *Introdução às Ciências da Linguagem: a Palavra e a Frase*. Campinas: Pontes, 2006, p. 113-146.

_____. (1987). *Texto e Argumentação*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2005.

_____. *Semântica do Acontecimento*. Campinas: Pontes, 2002.

LAUSBERG, H. *Manual de Retórica Literaria*. Madrid: Gredos, 1966.

RANCIÈRE, J. (1992). *Os Nomes da História*. Campinas: Pontes/Educ, 1994.